

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 268 - Volume XXX - Porto Velho - Outubro/2010.

ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS E  
ESTEVIÃO RAFAEL FERNANDES**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**FABÍOLA HOLANDA** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Tahoma 10, página deve estar em paisagem, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

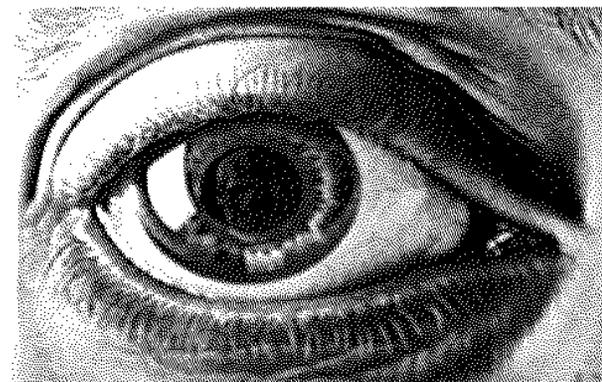
[primeiraversao@gmail.com](mailto:primeiraversao@gmail.com)

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**268**



**Concurso de Crônicas e Contos da UNIR**

Organizadores

Andréia Oliveira  
Jéssica Souza  
Rafael de Andrade  
Ricardo Bezerra



A Associação de Docentes da Universidade Federal de Rondônia (ADUNIR) gestão 2009-2011, promoveu o 1º Concurso de Contos e Crônicas da instituição, com a temática "Docência e Identidade no Ensino Superior", com o intuito fomentar a interação entre os docentes da instituição, na perspectiva de trazer as experiências vividas no decorrer de sua carreira docente por meio da criação de contos e crônicas.

A ADUNIR agradece a todos os participantes e a movimentação que circundou os trabalhos deste concurso, envolvendo docentes e discentes desta instituição de ensino, cumprindo assim o papel que este concurso se propôs. Agradece também à colaboração do Corpo Editorial da revista Primeira Versão, que se propôs a publicar esta versão especial, que contém o resultado do concurso.

## **Apresentação**

Escrevi e desescrevi este texto inúmeras vezes. Poucas coisas são tão desafiadoras a qualquer pessoa que seja quanto algo em branco, esperando ser preenchido: uma tela em branco desafia um pintor a preencher-lhe os vazios; uma partitura escarnece do compositor que titubeia e uma folha em branco (mesmo essas virtuais, na tela do computador, com essa barrinha irritante piscando, esperando por pixels em forma de letras) faz pouco do escritor incauto. Livros e mais livros são escritos sobre heróis que se lançam ao mar, ou enfrentam monstros ou lutam contra moinhos imaginários, mas o maior de todos os desafios seria, com alguma certeza, dar conta de narrar com riqueza de detalhes a batalha silenciosa que o autor trava em sua mente entre cada palavra, cada vírgula, cada espaço em branco que preenche as lacunas a sua frente. Eu, sinceramente, não me presto a esse tipo de coisa. Não acho que tenha a sensibilidade de poetas ou a veia artística de um bom escritor. Isso é coisa para poucos, e são alguns desses poucos que são apresentados ao leitor, nas páginas que se seguem.

Eu poderia dizer que os trabalhos a seguir são fruto do Primeiro **Concurso de Crônicas e Contos da UNIR**, ou que esta Edição de *Primeira Versão* vem comemorar, em parceria com os organizadores do Concurso, o dia do Professor. Seriam meias verdades. O fato é que este volume de *Primeira Versão* só existe para coroar o talento e a sensibilidade de professores desta Instituição com os quais cruzamos todos os dias pelos corredores e sobre os quais sequer desconfiamos. Fuçamos em seus *lattes*, lemos seus artigos, vemos suas aulas e palestras, mas dificilmente desconfiaríamos de que cada um deles teria a imaginação e o talento que demonstram nas páginas a seguir. Esperamos que venham mais concursos e que descubramos, entre os colegas de corredor mais e mais talentos. Parabênizo ainda os organizadores do Concurso, pelo belo trabalho, esforço e resultado final.

E, ao leitor, antes que vire a página, um conselho de quem leu e aproveitou cada uma das páginas a seguir: leia sem pressa, saboreie as palavras e as histórias que se seguem. Vai valer a pena.

**Estevão Rafael Fernandes**

**Co-Editor**

**Primeira Versão**

*<http://www.primeiraversao.unir.br>*

## Prefácio

A literatura é uma arte violenta. Ela nos arrasta pelos sonhos alheios e nos transporta para outros mundos, se encerrando ao fim do livro. É, na verdade um convite ao sonho, ao rompimento, ao movimento além e impossível de ser barrado: cada conto, poesia, romance: um convite para sonhar, para o combate, uma representação da vida, com todos os vazios e vazios: há algo além da literatura? Toda obra deve “ser o machado para o mar congelado dentro de nós”, afirma o mestre Kafka, refletir um vazio, uma vontade, uma determinação: e este conjunto de textos representa tudo isto. Agora é colocarmos os pontos nos “is”.

O primeiro Concurso de Contos e Crônicas da Universidade Federal de Rondônia nasceu da vontade da Professora Walterlina Brasil de reunir textos escritos por docentes da instituição acerca da experiência da prática docente e do envolvimento dos organizadores com a literatura e produção de textos em geral, a comissão formada por graduandos em filosofia, história e ciências sociais e uma jornalista, junto com a equipe técnica da ADUNIR desenvolveu este projeto. Foram dezenas de reuniões, correios eletrônicos, telefonemas.

Tivemos a oportunidade de viajar para todos os campi do interior e convidar os professores a participarem e neste momento nós contamos com o apoio de outros discentes, que se propuseram a transcorrer uma distância exaustiva e procurar professores em toda a universidade, afinal, eles não parariam suas atividades por nós. Mas, os professores que tivemos o prazer de conversar nos trataram bem, discutindo calorosamente questões referentes à Universidade e vida acadêmica: um verdadeiro aprendizado.

Vida acadêmica. Na Universidade Federal de Rondônia estamos aprendendo, se formos comparados com as grandes instituições de educação a nível superior. O tema do concurso – “Docência e Identidade no Ensino Superior” nos aproxima desta reflexão: o processo de construção e reformulação desta identidade é constante, nunca estando finalmente definido ou finalizado, os processos culturais fluem como um rio e continuam a fluir. Este concurso serviu para ‘apreender’ um ponto desta infinita reta que se direciona para um “futuro”.

A revolução de 1789 com Alexandre Dumas (O colar de Veludo), as contradições entre a publicação em livro e o surgimento da imprensa com Honoré de Balzac (Ilusões Perdidas), As ruas, noites, mortes e amores de Petersburgo com Dostoiévski, o homem inseto moderno de Kafka, incansavelmente interpretado (A metamorfose), Faulkner e o pensamento, caixões, o surgimento da loucura do ‘quero ser moderno Brasileiro’ com Mario e Oswald de Andrade, queremos ser brasileiros e sim, sim! A virgem dos lábios de mel: somos brasileiros? Reflexões que a literatura nos trouxe, no campo estético e do conteúdo, adicione à mistura sociologia, história, psicologia e tantas outras, a literatura é a universidade.

Adicionamos esta edição da Revista Primeira Versão a esta coleção. Um recorte da produção literária docente na Universidade Federal de Rondônia no ano de 2010, sim, um recorte. Há muito mais nas escrivatinhas. O que representa? O texto literário é interpretado sobre a ótica do leitor, ele se desprende e corre além, sempre a frente do próprio autor. É o primeiro passo para outros concursos, outras coletâneas.

Acompanhamos há algum tempo o trabalho do Professor Miguel Nenevé. Enquanto homem que conheceu vários países, absorveu sua literatura e suas peculiaridades com uma sede e determinação que vemos em poucos escritores, professor Nenevé é o verdadeiro artista plástico de Rondônia e do Pirizal, onde a coruja pia. Seus contos possuem uma linguagem simples, que representa sua origem, e sua preocupação, apresentada em na crônica "A lingüística, a escrita, a fala e a falha" é um apontamento do intelectual que se tornou: dedicado às Letras, na criação e na interpretação.

O conto do professor Ninno Amorim representa a loucura que é a criatividade, o criar. A vontade que acompanha o artista. Somos todos poetas, músicos, dançadores e tudo mais. O narrador sem rosto nos remete a um homem cuja liberdade fora roubada ou nunca existira: é homem moderno, a liberdade se faz asa e se desfaz em um tempo, já que os discursos são prisões, ferro sólido em plena liquidez, prendendo o artista. Esta mesma modernidade se apresenta na construção da imagem, CDs, ônibus, o livro é um artefato moderno, apesar de parecer comum, ser cientista social é isto mesmo, é ver o comum com um olhar questionador e teórico. Ah, bicho, esquecemos de dizer que o Ninno é professor de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais, que "chegou agora por aqui", mas não importa, estamos todos trabalhando. Ele é do nordeste, mas também é daqui, modernidade é isto ai.

O professor Ivanor Luiz Guarnieri, em seu texto narra o cotidiano do professor, segundo sua perspectiva (e neste momento o artista se aproxima da divindade: ambos são criadores e não sabemos quem se espelha em quem) e este mundo contém alunos que se interessam apenas por notas, o professor "paizão", as novas chances para que os discentes "estudem mais", a correção de provas e trabalhos, o ardor nos olhos, a solidão deste trabalho. Professor Ivanor vai além, citando Veríssimo, refletindo sobre a leitura, sobre a pesquisa, o cansaço, a desmotivação, reuniões de departamento, situações política, doença e os sonhos. Nada escapou ao olhar do autor. Escreveu e refletiu densamente, mas como diz o texto "Outros contornos existem, a docência continua, o escrito aqui se interrompe".

O pensar, o refletir, o existir docente está representado nesta antologia, publicada pela Revista Primeira Versão. Agradecemos desde já aos professores Nilson Santos e Estevão Rafael Fernandes pela oportunidade e estendemos os cumprimentos ao corpo editorial e técnico da revista. E que venham outros trabalhos, outras reflexões, que violentamente sejamos impulsionados.

**Os Organizadores**

## Tempo Venturoso

Miguel Nenevé

Caminhávamos pela estrada de macadame, o Gregório, o André, o Antônio João e eu. Na memória ainda ressoava a música da festinha da escola, festa de encerramento das aulas no sábado. “Das férias eis o tempo venturoso”. Sem querer comecei a cantarolar. O Gregório que queria saber tudo de música e de palavras difíceis cantava mais alto para superar todas as vozes. Depois perguntou:

“- E sabem o que é tempo venturoso?”

Dos três ninguém sabia o que era. O Gregório, porém que era sempre sabichão e que para ele não havia palavra difícil, disse: “tempo venturoso, é fácil, é o tempo que a gente corre solto como vento, livre como um potrilho na invernada. Venturoso, da palavra vento. Claro.” Ninguém duvidava do Gregório, todo falante, todo metido em discussões com os outros piás na escola. Para testar mais, o Antônio João perguntou, então o que significa “de um povo heróico o brado”, que a gente canta em todas as festinhas da escola, no Hino Nacional?

Sem hesitar ele respondeu que não era “heróico o brado”, mas “herói cobrado” que o povo era herói, mas muito cobrado, de vida muito difícil. Gregório era o sabedor, o que resolvia as coisas na hora. Às vezes usava palavras difíceis que ouvia um político falar num dos discursos mais compridos que aquela estrada, feitos em tempo de campanha. Uma vez disse que o colega era pernóstico. Quando perguntamos o que ele queria dizer com isso, ele disse que “pernóstico” era quem queria ter pernas mais longas do que realmente tinha, uma pessoa que queria ser mais do que era.

Todos concordávamos porque não havia como não concordar. Ele parecia e fazia de conta que conhecia do assunto mesmo.

Um dia ele até decidiu descobrir se os bebês realmente vinham do banhado, como a mãe dele tinha falado. Se para ter um bebê era preciso somente cavar a terra num chão bem úmido onde ouviam-se sapos, rãs e uma enormidade de répteis e batráquios, então ele podia descobrir um bebê. Cavou, Cavou, Cavou, achou muita água e nada de aparecer bebê. No local ficou somente um poço de água limpa. Foi reclamar com a mãe que dizia que os bebês eram trazidos de lá. A mãe explicou que vinham, sim, do banhado, mas ele tinha que ser casado e tinha que saber uma oração especial que só quem é casado sabe. Matutou e matutou e foi fazendo de conta que acreditava.

Agora Gregório estava ali conosco na missão de resgate de uma bola de futebol desaparecida. Caminhávamos pela estrada sinuosa, de subidas e descidas, tínhamos que atravessar a ponte do Rio Negro e se aprofundar numa lonjura até chegar ao destino aonde diziam que a bola tinha sido carregada. Para a caminhada não ficar tediosa como discurso de políticos, sempre arrancávamos assuntos para conversar. Às vezes aparecia uma borboleta, desgarrávamos, saímos pelo meio do mato atrás da azulona ou da brancona ou do que fosse. Era divertido ver os voos quebrados que pareciam de fácil alcance, mas não eram. O André era um bom pegador de borboleta.

Pela estrada, as carroças cheias de gente no meio de arados, foices e adubos anunciavam que era segunda-feira, dia de trabalho, que tínhamos que apressar os passos. Tinha trabalho esperando. Antes de chegar à casa, era preciso preparar o discurso, como poder pedir a bola, como inventar algo para não deixar ninguém ofendido. Como dizer que chegamos à conclusão que a bola estava lá na casa do seu Amâncio.

Era o Gregório que tinha que falar ou o Zé Teodoro. Ensaíamos. Enganos existem e eles pegaram por engano... ou eles pegaram para guardar se não outros levariam embora... ou... foi junto no meio de outras coisas, sem perceber...

O discurso bem preparado, batemos palmas e entre uma enorme cachorrada, chegou o seu Amâncio que mansamente convidou para tomar um café. Parecia que estava fácil o resgate. Seu Amâncio chamou o filho.

- Os piás vieram buscar uma bola de jogo!

Repentinamente o filho apareceu na janela e disse:

- A bola, os de São Bento pegaram botaram no caminhão e levaram!

Então tinha tudo se perdido. Se levaram a São Bento, nunca mais viriam. Parecia que o assunto tinha se encerrado e que nada poderíamos fazer.

Seu Amâncio, na sua mansidão, disse que não valeria perder a esperança que podia ser que ainda havia possibilidade de ter futebol no outro domingo.

Depois de uma semana de procura em São Bento surgiu a informação que a bola estava em Agudos na casa do Pedro João, o dono do time de lá.

Eram só oito quilômetros! Mas valia a pena para não ficar um fim de semana sem futebol.

Aí o Gregório teve tempo e uma grande oportunidade para inventar discursos, para citar panegíricos, para imitar os políticos da época. Afinal era época de eleição e ele sabia que as palavras bonitas nem precisavam ter nenhum significado. Não interessava a comunicação, mas a “elegância no falar” com ele dizia. As palavras devem ser jogadas ao vento, até que sejam decoradas, não interessa o que querem dizer. Isso fazia este tempo de eleição também um “tempo venturoso.”

### **As grades**

**Ninno Amorim**

Cansara-se de pensar.

Embriagara-se por uma espécie muito rara de angústia. Vagou pela estante à procura de um livro cuja capa recordava-se nos mínimos detalhes: título, autor, cor e até o cheiro de papel que lhe era peculiar. Não o encontrava. Mas tinha certeza de que possuía tal livro. Naquele dia queria saltar da angústia, escrever um artigo, um conto, uma carta talvez... Aquele livro era o que precisava para libertar a inspiração.

Voltou a pensar.

Onde está a porra do livro?! Refletiu.

Todos os outros estavam lá, empilhados, recém-empoeirados, com seus antigos marcadores de páginas. Faltava-lhe justamente o que mais queria e isso convertia o tal livro em objeto mor de seus desejos. É muito comum desejar aquilo que não temos.

Foi roubado?! Refletiu novamente.

Impossível. Há tempos não recebia visitas, somente alguém lhe punha por debaixo da porta as contas do condomínio. O fato era que havia sumido o bendito livro.

Parou de pensar.

Dirigiu-se ao porta-CDs, queria ouvir música – aquela que lhe ventilava as lembranças. Desde que se tornara intelectual sua vida transformara-se em objeto de constantes indagações. Sabia que havia se perdido no labirinto das interrogações e reticências, das vírgulas sem fim e sem sentido. O que fazer? Não queria perguntar mais isso. Deixar rolar? Não acreditava em destino.

Pegara-se pensando de novo.

Lembrou-se de que estava procurando um CD. Como que por ironia, o tal CD também desaparecera. O desespero batia às portas de sua esperança.

Vou encontrar, tem de estar aqui! Resmungou.

Sua auto-sugestão de nada lhe servia. Na adolescência havia lido tudo ao seu alcance sobre auto-ajuda, superar obstáculos e coisas do gênero.

É muita fuleiragem! Desabafou.

Não conseguia encontrar um CD em sua própria estante. O desejo era tamanho que passou a ouvir os primeiros acordes. Em seguida sua memória fora elaborando arranjos inexistentes no original. Não importava, estava não apenas ouvindo a música, mas recompondo-a livremente, sem amarras. Estava quase feliz...

Não sabia como parar de pensar.

Quando se deu conta de sua transmigração pela memória percebeu que sua engenhoca cerebral lhe atrasara. “Perdi o ônibus também?” Saiu quase voando com destino à parada. Aquele dia ficaria na história.

Ao aproximar-se, um ônibus dava a partida, mas não sabia se aquele era o seu ônibus, quem sabe se corresse um pouco, mas se não fosse...?

Por que os ônibus não têm DESTINO atrás? Questionou kantianamente.

Era óbvia a resposta. Destino é o que está na nossa frente e na dos ônibus também. Chegara ao ponto de espera, olhara fixamente o relógio. Os relógios nunca batem. Perdera ou não o ônibus? De súbito passou-lhe pela cabeça a ideia de perguntar o destino do ônibus que se fora há pouco. Poderiam rir, reagir com desdém, talvez fossem gentis e lhe tirassem a dúvida. Tudo poderia acontecer. Diante disso breçou o olhar cabisbaixo e parou de pensar.

O dia estava ensolarado com previsões de pancadas de chuva ao final da tarde. Sua noite seria de insônia como tantas outras. Aproveitava as noites para ler os clássicos que lhe ficara devendo na juventude. Muitos ônibus passaram naquela manhã, o seu fora o último – como quase sempre acontece. Perdera o livro, o CD, talvez o ônibus. Queria perder essa mania de pensar. O pensar se lhe apresentava como um par de asas. Não haveria mais limites. Voar é muito bom. Mas as asas metamorfosearam-se em barras de aço e aprisionaram-no.

Tô fodido!! Concluiu filosoficamente.

### **Professor, O velho**

**Ivanor Luiz Guarnieri**

Arrastando suas pernas pelos corredores, ele tinha atrás de si um cortejo de alunos, cujo objetivo era saber, não o que o maduro professor sabia, mas apenas a nota que este atribuiu nas avaliações. O passaporte para o semestre vindouro ou a prisão da dependência na disciplina dependia de um número e é nisso que se fixavam os olhos aflitos na folha pendurada.

Gritos de alegria e auto-elogios dos que passavam. Desapontamento e atribuição de culpa ao professor por parte dos reprovados faziam parte da rotina presenciada pelo velho ensinante ao longo dos anos naquela instituição. Na sala de aula, a jovem que geralmente se insinuava, exceto para os estudos, reclamou:

-Professor, o Senhor só me deu dois, Professor!

-Vejam sua avaliação. Ah sim, aqui está. De fato, eu realmente DEI dois pontos, pois se fosse ver nem isso valia.

Grosserias a parte, a turma vinha abaixo com o modo como o professor respondia algumas perguntas. O jeito professoral, às vezes se colocando como paizão dos estudantes, ajudavam a turma a receber certos chistes que seriam vistos como afronta se tivessem sido proferidos por alguém mais jovem.

Em dias de avaliação o velho professor era visto como o flagelo dos alunos. Mas seu jeito bonachão o impedia de recusar uma nova oportunidade aos que desejassem escapar da fossa dos reprovados. Isso seria possível, 'desde que estudassem mais', como gostava de repetir em tom triunfal.

Naquela noite, ao sair do prédio, viu o tumulto rotineiro da juventude que voltava para casa, entre risos e conversas animadas. Distanciando-se mutuamente, aos poucos tudo silenciava. A rua da casa estava deserta. Se lá na universidade era o professor, reconhecidos pelos títulos e livros publicados, para cá era apenas o vizinho.

O que ele queria nessa hora era um quarto escuro, onde pudesse reclinar seu cansaço em uma cama perfumada. Teve fome, porém, lembrou-se de outro pacote de provas a serem corrigidas para o dia seguinte. Melancólico por ter perdido horas fazendo coisas, menos corrigir as cansativas avaliações, foi-se. Colocou os óculos de leitura e começou a ler, uma, mais uma, outra prova. Os olhos começaram a arder. Era uma ardência conhecida desde os tempos de menino, quando imaginava tornar-se metalúrgico, mas abandonou a ideia depois que feriu os olhos com o brilho da solda.

Perdida a concentração nas provas, corria o risco de atribuir notas diferentes para avaliações iguais. Procurou a geladeira, essa amiga que se abre toda vez que a ansiedade aumenta e a vontade de comer algo indefinido faz procurar muitas coisas sem encontrar nada. Pudim? Iogurte? Frutas? Sim, frutas! Mas qual? Nesses momentos o peso do corpo eleva os números da balança.

Diante da TV, frutas descascadas. O tempo passando, olhava, mas pouco via. Sua mente estava recordando os primeiros dias de trabalho como professor. Se tivesse a força daqueles tempos, aliada ao conhecimento acumulado em tantas aulas ministradas. Mas isso é impossível. O jovem é como brasa incandescente, é ágil. Mas o conhecimento depende de leitura e a leitura é lenta. Um homem que leia quatro livros por mês terá lido quarenta e oito em um ano. Se tiver saúde e tempo contínuo terá lido em dez anos 480 livros.

'Nem tudo é quantidade', pensou ele. 'Pode-se ler muitos livros que não dizem nada ou poucos que dizem muitas coisas. É preciso buscar obras que são fundamentos de outras obras. O tempo é pouco e como diz a crônica do Veríssimo, idade é quando a pessoa olha para os livros e se questiona quais deles não vão dar tempo de ler. Portanto, antes que a morte chegue selecionar bem e só ler bons livros. Por outro lado', imaginou o fadigado professor, 'quando a morte se avizinha, que importância terá ter conhecido certos livros?'

Esses pensamentos viajavam pela rede de neurônios do Velho Professor como trens sem destino certo. Dominado por essas ideias, que saltavam em diferentes direções sem fluxo lógico, o dono daquela cabeça confusa via a madrugada entrar e ele a seguir para o túnel do sono. Adorreceu.

Um sonho diferente de todos quantos já teve. Um enorme ovo, primeiro observado por fora, como se fosse um estádio de futebol, só que em forma de ovo, sem entradas e sem ingressos, hermético e misterioso. 'Que teria dentro?' Pensou em sonho. Viu-se resvalando, desta vez dentro do ovo. Quis correr, mas os pés deslizavam. Ao cair sentia sobre as costas o peso da casca. Era como se o ovo o encolhesse e o sufocasse. Acordou suado e confuso. Acendeu a luz, certificou-se que era apenas pesadelo. O bom cansaço, amigo da cama, o fez dormir novamente.

Ao acordar, ainda zozzo da noite, veio-lhe uma sugestão, aparentemente luminosa. Certamente que se lembrava do tal ovo sonhado, mas aquilo parecia antes uma indicação de situação já vivida. Mas qual? Seria verdade que nossos sonhos são relacionados com algo vivido? Então onde teria se sentido sufocado por algum ovo, ou por algo parecido? Enquanto tomava café espocavam pedaços das cenas do pesadelo. 'Não faz sentido!' pensou.

O tempo, dono de nossos momentos, fluía. Era preciso presa. Como justificar mais uma chegada depois de todo mundo? 'Bolas, sou o professor mais pontual que existe, eu chego sempre atrasado. Logo, isso não deixa de ser uma pontualidade. Não seria pontual se às vezes chegasse atrasado e às vezes antes, mas como chego sempre atrasado...' Depois dessa riu de si mesmo e quis ir logo.

A reunião já havia começado. Os membros do grupo de pesquisa já tinham dado início a exposição dos resultados individuais, obtidos durante o ano, com suas meritórias publicações, produções acadêmicas, participações em congressos. Alguém mais ousado reclamou que os eventos estavam cada vez mais, menos interessantes, mas logo foi silenciado pela opinião contrária. Sentados em semicírculo, cada um expunha suas realizações, dando certa ênfase aos títulos dos artigos. Nesses momentos falando pausadamente, como que a saborear o pequeno triunfo de um texto publicado nesta ou naquela revista, num evento daqui ou de acolá.

Pareciam todos interessados. Porém se fosse perguntado o que o colega acabou de relatar, poucos não teriam sua falta de atenção exposta em público. Cada qual espera o momento oportuno para começar a falar, espera o instante "agora é minha vez", esquecendo que a falta de atenção própria em ouvir os outros é um hábito geral.

A porta da sala deixava entrar um feixe de luz que incomodava os olhos de nosso personagem. O Velho Professor tinha ainda que suportar o barulho do pequeno ventilador colocado no chão. Ao girar incansavelmente fazia um ruído de latas se esfregando, como se pedisse num gemido por um pouco de óleo. A luz que entrava, o barulho do ventilador e o ar pestilento do pó da manhã, entorpecia o ambiente e aumentava o desejo de uma cama onde pudesse compensar a noite mal dormida. Começou a cochilar.

- Professor, Professor! O Senhor está bem?

- Sim, claro. Obrigado.

Desculpou-se e ficou pensando no que pensariam dele. Uma professora sisuda, que gostava dele, imaginou coisas obscenas como causa daquele sono. A reunião prosseguiu.

'Eureca! Como não pensei nisso antes, claro! O ovo do sonho é o problema levantado por um aluno que, tentando me provocar perguntou: Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?'. O professor pensava nisso e agora lembrava claramente daquela aula. A resposta era óbvia demais e ele ao dar a resposta quis enfeitar, acabou tropeçando. Logicamente que a galinha veio primeiro, por uma simples razão: a galinha não vem do ovo, nem nasce do ovo, a galinha vem de outra galinha. A mãe da galinha não é o ovo, o ovo é apenas o meio pelo qual nascem os pintinhos. Ora, pois, o ovo não é nem pai nem mãe. Abusado, resolveu ainda apontar o erro da pergunta, que consiste em afirmar interrogativamente algo que é falso, como se verdadeiro fosse. Aparentemente a galinha vem do ovo, mas isso é só aparência. Definitivamente, a mãe e o pai da galinha são outra galinha e o galo.

Houve revoltas e protestos de alguns alunos. Como a mente deles estava habituada a só ver esta questão como insolúvel, demoraria algum tempo para conseguir pensar diferente. Os que não entenderam cobraram do professor uma resposta melhor, como se isso fosse possível. Chegou-se mesmo a sugerir que ele estaria fugindo do problema. A sala ficou descontrolada. Perguntas sucessivas vindas de bocas diferentes e pouco interessadas na fala do professor. O cochicho crescente começava a intimidá-lo. Sentindo-se por alguns instantes cercado e incompreendido por certos alunos que faziam questão de permanecer desentendidos, se assemelhava ao ovo do sonho, cujas paredes comprimiam e sufocavam. Naquele momento as paredes da sala pareciam comprimi-lo. Felizmente uma boa parte da turma, que estava mais disposta a aprender do que polemizar, deu-se por satisfeita.

Onde teria ouvido que os sonhos são capazes de revelar o futuro? 'Pura bobagem! Era apenas coincidência. Mas e se não fosse?' Pensava e essas ideias iam e vinham. Parecia difícil livrar-se delas. Como ninguém consegue ficar sem pensar, a solução estaria em mudar de ideia. Ao invés de ficar repetindo que deveria esquecer tal história, o melhor seria pensar logo em outra coisa.

- E então Professor, o que o Senhor acha da proposta da colega de transferir o evento?

-Bom, parece uma oportunidade interessante para, tendo mais tempo, ultimarmos os trabalhos de modo mais adequado, tendo em vista o bom nome do nosso departamento e de nosso grupo de pesquisa, cuja fama tem aumentado graças aos excelentes esforços empreendidos na busca do conhecimento. Por outro lado, isso pode parecer certo despreparo e podemos ser acusados de falta de planejamento. O importante mesmo é que saibamos o que é melhor para todos...

Quase todos perceberam quão alheio ele estava dos assuntos discutidos na reunião e só o deixaram falar mais um pouquinho por respeito às rugas de seu rosto. Tão logo ele calou-se em tom triunfal e vazio, a reunião voltou ao que interessava. Decidiu-se enfim pouco decidir, já que o *quorum* era baixo e não convinha a poucos tomar decisões graves em nome de muitos.

A barriga roncou escandalosamente, avisando que o corpo tem razões que a razão não consegue controlar. Apertou o ventre um pouquinho, depois soltou para fora, encheu os pulmões de ar e aquele barulhinho incômodo de pia desentupida só fazia aumentar.

Já no carro soltou uma gargalhada incontida em razão da situação vivida. De que vale o título de doutor, livros escritos? Perfumaria cultural, apenas. No que diz respeito ao corpo todos são iguais. O intestino é o grande chefe, quando avisa não tem jeito, não há diploma que segure uma necessidade fisiológica de certo calibre. O corpo é sepulcro da alma, pensava Platão. Faz sentido. O corpo, esse traidor, quando menos se espera apronta. Quanta surpresa daquele que viveu anos em companhia de seu corpo e, de repente, o médico avisa: "Tens uma doença grave e em estágio avançado".

O Professor ia dirigindo e pensando nessas coisas, já esquecido da história do ovo. Veio-lhe a mente o olhar de espanto dos alunos quando lhes perguntou:

- O que era o corpo de vocês antes de ser o corpo de vocês?

E ele próprio respondeu como sendo um agregado de matéria, talvez já tivesse sido unha de dinossauro, pelo de cachorro, carne de crocodilo. Dizia isso com naturalidade para espanto geral e nojo de alguns. Chegou-se mesmo a cogitar que se isso for verdade, aquela menina bonita e orgulhosa tem em suas moléculas pedaços de bichos. Como do nada, nada vem, os corpos humanos só poderiam ser formados de outros corpos já devidamente mortos e apodrecidos.

O carro se aproximou da casa. O portão estava aberto. Esse simples fato varreu da cabeça do Velho Professor tudo que havia pensado durante o dia. Os ladrões vieram visitar? Estariam na casa, escondidos? O coração e o resto do corpo, esse traidor, estavam noutro ritmo.

Pupila dilatada, deixou o carro na rua e foi observando. O vizinho o cumprimentou. Mas que hora para o vizinho vê-lo! Na rua, no sol, em frente a casa, cauteloso e suado. O que pensariam dele? A estima pública tem seu preço. Viu na janela o rosto da empregada.

- Bom dia Professor! Deixei o portão aberto depois de jogar o lixo, pois vi que o Senhor chegava. O almoço está na mesa.

Familiarizada com ele pelo trabalho de tantos anos, ela era mais jovem, mas tinha um olhar maternal pelo zelo com as coisas do renomado professor.

Depois do almoço um pequeno cochilo. Preparar aulas, ir à universidade. As coisas se repetiam há anos e essa rotina era confortável pela previsibilidade que trazia. Naquela noite tudo parecia como sempre foi. Entrou na sala, cumprimentou os alunos e começou a proverbial fala sobre a matéria.

Maria foi quem primeiro notou a fala enrolada, como se estivesse embriagado. Os alunos começaram a dançar, indo de um lado para outro. 'Mas isso é impossível', pensou, 'já que as cadeiras estão indo junto e os alunos estão sentados'. Apoiou a mão no quadro negro e continuou falando, sem ter muita certeza mais do assunto. Sentou, continuou o esforço. Pediu licença, saiu. Caiu. O esfolado no rosto não era maior do que na reputação que julgou arranhada por aquele incidente.

Labirintite! Decretou o médico, já no primeiro exame. Pediu exame de sangue. Estava com baixa quantidade de açúcar, pois temia o diabetes, comum em sua família. A hipoglicemia o atacou naquela noite, e um leve problema no labirinto o nocauteou. Nada grave. Mas os médicos não tinham certeza se era só isso.

Os alunos que ainda nada sabiam do veredicto médico tagarelavam a respeito. Alguns pensavam estar livres do Velho, outros já sentindo saudades de suas aulas divertidas, principalmente quando ele pegava pesado nos outros. Chata quando a bronca era com o próprio aluno. Quem irá substituí-lo? Veio a notícia: o Velho Professor retornaria na próxima quinta-feira.

Os dois dias que ficou em casa permitiram pensar em seu trabalho. Sem dúvida o primeiro trabalho do mundo em relação aos outros é o de ensinar, pois desde que o homem inventou a fala quis exprimir-se. Ora, exprimir-se é dizer a outrem o que se está pensando e isso é uma forma de ensino. Não no sentido formal, como temos hoje, mas no sentido amplo a vocação para ensinar é natural no homem. Apenas que só a alguns isso é permitido nas instituições de ensino atuais.

A carreira acadêmica que consiste em escrever dissertações, teses, monografias e submeter a apreciação de outros que fazem a mesma coisa, permite receber certificados e diplomas, com os quais se é aceito no fechado círculo dos professores de universidade. E se a maioria estiver errada? Se as bancas forem

falhas? Afinal, são todos seres humanos, alguns mais arrogantes outros mais humildes em reconhecer os próprios limites, mas, todos falíveis. Nem sempre o importante é colocar nas avaliações o que é verdadeiro ou correto, mas aquilo que a banca examinadora julga como tal.

Essas ideias o ocupavam nesse tempo de recuperação física. Eram coisas que jamais diria para os pares e muito menos para os alunos. Isso poderia corroer a habitual confiança depositada no trabalho docente e ele não queria jamais ser acusado de subversivo. Como as ideias são elementos do foro íntimo da pessoa, desde que não sejam transmutadas em palavras sonoras, não haveria problema. A criação mental não é danosa à reputação como o é a expressão verbal dessa criação.

Ansioso pela quinta-feira, ela chegou. Vendo ao longe a Universidade sentiu receio em aproximar-se. Como falaria com os alunos? E as perguntas sucessivas sobre o estado de saúde? Poderia ter trazido um gravador e só retornar e tocar novamente para cada interlocutor que pedia a mesma coisa da pessoa anterior. Lembrar dos momentos desagradáveis vividos é sofrer duas vezes. Quantas vezes sofreria naquela noite tendo que repetir o sucedido desde o campus até o hospital?

Uma pequena aglomeração de alunos. Faixas, cartazes, vozes de ordem. Era tempo de eleição e a escolha do novo reitor provocava calor na moçada. As críticas à política partidária caberiam também à política da universidade. O Velho Professor via seu local de trabalho como um micro-cosmos. Nele a luta por cargos, por gratificações, pelo poder em dar ou negar favores. Tudo dito, e bem dito, pelo bem da Universidade e dos acadêmicos.

Se assim fosse, pensou ele, por que tantos grupos disputando os cargos? De que vale o mau humor de ser cobrado por problemas que não é o reitor quem cria? Os jovens são apaixonados e apaixonantes. Com que garra eles empunham esta ou aquela bandeira política. Ah! se tivessem um pouquinho mais de conhecimento discerniriam melhor as coisas. Isso depende de tempo e vivência. Chegou ao estacionamento. Um grupo de estudantes cercou o carro querendo saber se ele apoiava a greve ou era um inimigo da juventude.

- Nem uma coisa nem outra! Quem são vocês?

Bastou isso para que começassem os gritos de *fura greve! Fura greve! Fura greve!*

- O que reivindicam?

- O Senhor não sabe? Tudo! Mais professores, mais livros, mais bolsas de estudo. Tudo de bom, pois merecemos e o governo só promete etc... blá, blá, blá.

- O Senhor sabia que a turma X está desde segunda sem aula?

- Ah, sei sim. Eu estive doente e...

- Então professor, o Senhor é professor né? Então, o Senhor vai nos apoiar?

- Sim, vou, por isso pretendo dar aula.

- Mas hoje não pode. Hoje é greve.
- Mas vocês não estão fazendo greve justamente porque não tinham aula? Ora, eu estou aqui para trabalhar.
- Sim, mas é diferente.

Acabou tudo em um bate papo na lanchonete onde ficaram até tarde, alunos, alguns professores simpatizantes do movimento, discutindo, primeiro, os problemas da universidade, logo em seguida a política nacional, os problemas ecológicos, se tem disco voador. Cada um tentando mostrar-se simpático media as palavras, ou proferia ditos graciosos, ou as duas coisas juntas, tentando impressionar. E a noite se foi, a aula se foi, os alunos ficaram no bate papo. Bela maneira de retornar ao trabalho depois do pequeno problema de saúde. Era preciso voltar para casa.

Quem ensina quem? É uma bela pergunta sem resposta muito clara. O Velho Professor não queria pensar nisso. Uma boa cama perfumada e macia, só isso lhe bastaria nesse momento... Epa, isso já foi dito. Sim, é que a história se repete e outra noite começa. Sonharia ele com ovo de novo? A vida imita a aula, os assuntos se repetem, a metodologia se repete e alguns alunos repetem o ano. É o inexorável eterno retorno.

Só esta pequena crônica acaba. Escrito sobre um Velho Professor imaginado, mas que de alguma maneira se vê refletido no trabalho dos professores concretos, lança algumas tintas sobre situações nas quais e pelas quais a condição docente existe. Os traços feitos nessas linhas contém borrões, é verdade, devido à imperícia do pintor, mas nunca da qualidade do retratado. Outros contornos existem, a docência continua o escrito, aqui se interrompe.

### **A linguística, a escrita a fala e a falha.**

**Miguel Nenevé**

O título desta crônica é mesmo uma alusão ao trabalho do respeitável Rajagopalan, linguista indiano radicado no Brasil e trabalhando pela UNICAMP há mais de dez anos. *A Linguística que nos faz falhar* provoca polêmicas discussões sobre língua, ensino da língua, preconceito e cultura. Gostaria de discutir sobre a linguística que nos faz falar e falhar. Mesmo meu propósito não sendo o mesmo do autor indiano, creio que este título me faz bem para o que quero sugerir.

Ao adentrar o campus da UNIR, em um dia destes, pude ler, mesmo dirigindo, o anúncio em letras garrafais: "Congresso da ABRALIN – de 11 à 17 de setembro." Sim o "a" estava craseado. O congresso reunia doutores em linguística de várias regiões do Brasil e até do exterior. Eram portanto, doutores em Letras. O cartaz provavelmente foi preparado por alguém que não é da área e não tem educação linguística. No entanto, não foi corrigido por ninguém. Isso me traz à mente muitos outros problemas relacionados ao nosso idioma que aparecem em anúncios na Universidade Federal de Rondônia. A data do vestibular, por exemplo,

vem sempre anunciada com “a craseado” antes do número que se refere ao dia. E assim, começo a observar o falar e o escrever em nossa instituição, principalmente de nossos professores. “Tu descreveu bem,” um professor doutor escreve para o outro. Então nem me refiro muito à língua falada que pode estar carregada de problemas gramaticais, mas a língua escrita, usada, muitas vezes em anúncios públicos.

Uma vez entrei em sala de aula e me deparei com uma frase no quadro: “a dois meses não chove.....”, não sei se escrita por professor ou por aluno . Comentei com os alunos que a frase precisava ser revisada, e que deveria ter sido escrita assim: “há dois meses...” que neste caso devemos utilizar o verbo “haver.” Os alunos me responderam : “mas para a linguística não existe o errado, a linguística aceita tudo.”

Pode parecer então que quem prima pela correção da linguagem, pela eficiência na comunicação é um conservador que não entende de linguística. Será?

Isso sugere uma reflexão sobre o ensino da língua, da comunicação oral e escrita e da função da linguística. Em vez de dizer que “a linguística aceita tudo”, não seria melhor colocar em discussão o porquê da tendência em cometer estes erros, não desprezar a linguística, mas apontar para o uso culto da linguagem?

Parece-me poder ser possível dizer que quem defende que toda a linguagem é correta, que a universidade deve se preocupar com coisas e causas mais nobres, está favorecendo o *status quo*, está sugerindo que saber bem a língua culta é algo para privilegiados e não para todos. Creio que é possível dizer também que é hora de discutir por que em nossa universidade agredimos tanto a língua portuguesa. É tudo culpa da linguística?

### **Biografia dos Autores**

**Ivanor Luiz Guarnieri** - Natural de Xanxerê – SC, formado em Filosofia (FAFI – Palmas, PR- 1988), tem especialização em Filosofia (UFPR - 1990), especialização em História (UNIOESTE – Cascavel – PR - 1998) e mestrado em História (UFF - 2002). Foi professor da rede pública no Paraná 14 anos e do Ensino Superior 11 anos. É professor de Filosofia da Unir – Campus de Vilhena há um ano. Membro dos grupos de pesquisa GEP E GEPS.

**Miguel Nenevé** - Professor Associado do Departamento de Letras Estrangeiras. Atua como professor de Literaturas de Língua Inglesa no curso de Letras e como professor de Literaturas e Amazônia no Mestrado em Letras. Têm publicações nas áreas de Tradução, Estudos pós-coloniais, Literatura Canadense, Literatura de viagem sobre a Amazônia e Educação na Amazônia.

**Ninno Amorim** - Poeta, músico, cantor, dançador e louco. Aprendiz das letras preliminares desde sempre. Não sabe como, mas é professor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da UNIR. Desde menino sonha em ser escritor e vai continuar sonhando esse sonho estranho num país de analfabetos. É pai, filho e companheiro. Também exerce o papel de vizinho com o melhor de sua pessoa.

### **Biografia dos Organizadores**

**Andréia Oliveira** – Jornalista formada pela Universidade Federal do Ceará. Aportou em Porto Velho a menos de um ano, onde presta assessoria de comunicação para a Associação de Docentes da UNIR (ADUNIR).

**Jessica Souza** – Nasceu em 1991. Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia e em Direito pela Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e Letras de Rondônia (Faro).

**Rafael de Andrade** – Nasceu em 1986. Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Rondônia. Publicou nas antologias Dias Contados, Dimensões.BR, Marcas na Parede, Ecos da Alma (Andross), Folhas de Espantos, Grimoire dos Vampiros, Casulos da Alma, À Sombra do Corvo (Literata), entre outras. Membro do Centro de Hermenêutica do Presente.

**Ricardo Bezerra** – Nasceu em 1990. Graduando em História pela Universidade Federal de Rondônia. Onde atua no LDPH (Laboratório de Documentação e Pesquisa Histórica), desenvolvendo atividade com fontes primárias e debates na área de história e no Centro de Hermenêutica do Presente atua realizando leituras e discussões em História Oral.